

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA
IGUALDADE RACIAL NA ESCOLA

RENATA VIEIRA DA CUNHA

Conhecendo a comunidade dos Arturos.
Análise da intervenção pedagógica sobre o desenvolvimento do
projeto

Belo Horizonte

2016

RENATA VIEIRA DA CUNHA

Conhecendo a comunidade dos Arturos.
Análise da intervenção pedagógica sobre o desenvolvimento do
projeto

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador/a: Michele Lopes da Silva Alves

Belo Horizonte
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

CUNHA, Renata Vieira da.

Conhecendo a comunidade dos Arturos: Análise da intervenção pedagógica sobre o desenvolvimento do projeto. Renata Vieira da Cunha - 2016

28 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização (Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

Orientação: Prof^a. Michele Alves da Silva Lopes.

1. Intervenção pedagógica 2. Arturos 3. Descolonização dos currículos.

RENATA VIEIRA DA CUNHA

Conhecendo a comunidade dos Arturos.
Análise da intervenção pedagógica sobre o desenvolvimento do
projeto

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais

Orientador/a: Michele Lopes da Silva Alves

Aprovado em 09 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Professora Mestre Michele Lopes da Silva Alves - Faculdade de Educação da UFMG

Professora Doutora Lilian C. Gomes – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

O presente texto trata-se de um relato de experiência de intervenção pedagógica, intitulado: *Conhecendo a comunidade dos Arturos*. A referida intervenção pedagógica foi desenvolvida nas aulas de História, com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Prefeito Sebastião Camargos, da prefeitura de Contagem. Essa temática é fruto de reflexões realizadas durante o curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial, da Faculdade de Educação, da UFMG. O desenvolvimento dessa experiência teve como objetivo principal aproximar os estudantes da Comunidade dos Arturos, a fim de que esses compreendam, reconheçam e valorizem as culturas e tradições do povo quilombola. A estratégia utilizada foi apresentar temas relacionados à História e Culturas dos Africanos e afrodescendente, a fim de que, ao final do projeto didático, houvesse uma visita à comunidade dos Arturos.

Palavras-chave: Intervenção pedagógica. Arturos. Descolonização dos currículos.

ABSTRACT

This text is a report of an education experiment entitled: Knowing the community of Arturos. This experiment has been developed in history classes, with students of the 8th grade of elementary school, at Prefeito Camargos junior high in the city of Contagem. This theme is the result of reflections made during the course of specialization in Promotion of Racial Equality of UFMG Education University. The development of this experience aimed to bring students from the Community of Arturos, so that they understand, recognize and value the culture and traditions of the people of quilombo. The strategy was to present issues related to the history and culture of the African and African Descendants, so that at the end of the educational project, there was a visit to the community of Arturos.

Keywords: pedagogical intervention, Arturos, decolonization curricula.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Imagem 1 - Palestra de apresentação da Comunidade dos Arturos.....pg 28
- Imagem 2 - Divindades presentes na capela da comunidade dos Arturospg 28
- Imagem 3 - Alunos caminhando pela Comunidade dos Arturospg 29
- Imagem 4 - Lanche coletivo dos estudantes na comunidade dos Arturos.....pg 29

SUMÁRIO

| | |
|--|---------------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | pg 9 |
| 2. OBJETIVOS | |
| 2.1Objetivo geral..... | pg 10 |
| 2.2Objetivos específicos..... | pg 10 |
| 3. JUSTIFICATIVA..... | pg 11 |
| 4. METODOLOGIA: da atividade diagnóstica à definição de atividades e seus objetivos | pg 14 |
| 5. ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA..... | pg 22 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | pg 25 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | pg 26 |
| 8. ANEXOS | pg. 28 |

1 INTRODUÇÃO

O presente texto trata-se de um relato de experiência de intervenção pedagógica, intitulado: *Conhecendo a comunidade dos Arturos*. A referida intervenção pedagógica foi desenvolvida nas aulas de História, com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Prefeito Sebastião Camargos, da prefeitura de Contagem.

A Comunidade dos Arturos está localizada no Bairro Jardim Vera Cruz, em Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte. Ocupa uma propriedade coletiva onde residem aproximadamente 450 pessoas descendentes do Sr. Arthur, filho de escravo. Possui grande visibilidade regional, nacional e até internacional em razão de suas festas e religiosidade. Em 2005, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA – instituiu um processo administrativo para regularização fundiária da área quilombola. Em 2011, o território recebeu uma certidão da Fundação Cultural Palmares e, até a presente data, o processo continua na fila de espera da Superintendência do Estado de Minas Gerais.

A Escola Prefeito Sebastião Camargos está situada no Bairro Granja Vista Alegre, próxima ao centro de Contagem. Fundada no ano de 2004, oferta em dois turnos os três ciclos de formação que compreendem os nove primeiros anos da Educação Básica. No turno da tarde, no qual o projeto foi realizado, são atendidos os estudantes do 3º Ciclo (7º, 8º e 9º anos).

A escolha da temática, cuja proposta foi desenvolvida nessa escola, é fruto de reflexões realizadas durante o curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial e da parceria das professoras de História e Língua Portuguesa, da referida instituição de ensino. À medida que discussões sobre a reeducação das relações étnico-raciais eram feitas nos encontros presenciais e no ambiente virtual do curso, a inquietação acerca do distanciamento entre a instituição escolar e a Comunidade dos Arturos instigava as docentes. Apesar da proximidade geográfica, antes do desenvolvimento do referido projeto, nenhuma iniciativa de integração, ou proposta de trabalho que se preste a este fim, foi constatada. Em função dessa ausência de envolvimento entre a Comunidade e a escola, foi iniciado um plano de ação pedagógica com esta finalidade.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral:

Aproximar os estudantes do 8º ano da Escola Municipal Prefeito Sebastião Camargos da Comunidade dos Arturos, a fim de que esses compreendam, reconheçam e valorizem as culturas e tradições do povo quilombola.

2.2 Objetivos específicos

1. Caracterizar o processo escravocrata ocorrido em nosso país desde o século XVI até o momento da abolição da escravatura;
2. Analisar com os estudantes a situação do negro no Brasil, no período pós-abolição até os dias atuais e seus desafios;
3. Apresentar os processos geográficos e históricos na formação dos quilombos no Brasil e, em especial, sobre a comunidade dos Arturos, para compreensão da importância da preservação cultural desses territórios étnicos como símbolo de resistência.

3 JUSTIFICATIVA

A Escola onde o projeto de intervenção pedagógica foi realizado está situada a menos de dois quilômetros da Comunidade dos Arturos, no Bairro Granja Vista Alegre, próxima ao centro de Contagem. Localiza-se em um bairro composto por poucos moradores antigos, uma vez que a maioria das pessoas é proveniente de outras regiões da cidade e da região metropolitana de Belo Horizonte. Até o início da urbanização dos bairros adjacentes, a região era um lugar de lazer com vários sítios e chácaras. Atualmente, entretanto, convivem construções simples com outras mais novas, de alto padrão. Seus moradores trabalham em outros bairros de Contagem e nas cidades vizinhas. O comércio é composto de pequenas mercearias, açougues e depósitos de materiais de construção.

Há na região apenas mais uma escola particular que atende até o 4º ano da Educação Básica, sendo coordenada pelo JOCUM – Jovens com uma missão, de orientação evangélica. Há algumas igrejas evangélicas no bairro e está sendo construída uma igreja católica em frente à escola.

A Comunidade dos Arturos é composta de aproximadamente 80 famílias, que em sua maioria são filhos, netos e bisnetos de Sr. Artur Camilo Silvério, o fundador da comunidade há cerca de 120 anos. O Sr. Artur, nascido em 1885, era filho do escravo Camilo Silvério, que veio de Angola em um navio negreiro, em meados do século XIX. Chegando ao Brasil, conseguiu sua carta de alforria e se estabeleceu em Minas Gerais, no povoado Vila de Santa Quitéria, em um lugarejo chamado Ilha do Macuco, atualmente a cidade de Esmeraldas. Camilo casou-se com a escrava alforriada Felisbina Rita Cândida, com quem teve seis filhos. Desses, destacou-se Artur Camilo Silvério, que mais tarde fundou uma comunidade em seis hectares de terra no povoado Domingos Pereira, hoje Jardim Vera Cruz, em Contagem. Artur Camilo casou-se com a negra Carmelinda Maria da Silva, e desse casamento nasceram 10 filhos (GOMES, 1988).

Declarada patrimônio imaterial pelo município de Contagem e pelo estado de Minas Gerais, a Comunidade dos Arturos é guardiã de um espaço e de uma cultura, unidos pela religiosidade representada pela devoção a Nossa Senhora do Rosário e manifestações como o Congado e a Folia de Reis.

Aproximar os estudantes do 8º ano da Escola Municipal Prefeito Sebastião Camargos da Comunidade dos Arturos, a fim de que esses compreendam, reconheçam e valorizem as culturas e tradições do povo quilombola, contempla o previsto pela Lei

10.639/03, a qual há mais de uma década regulamenta a obrigatoriedade do ensino de História da África e das culturas afro-brasileiras nos currículos das escolas da Educação Básica. Essa legislação, para ser de fato aplicada, exige mudança de práticas e descolonização dos currículos escolares em relação à África e aos afro-brasileiros.

Gomes (2012, p. 102) compreende por descolonização dos currículos escolares o rompimento com o caráter conteudista dos mesmos. Tal descolonização torna-se possível a partir da existência de diálogo entre escola, currículo e realidade social e também através da formação de professores e professoras, reflexivos sobre as culturas negadas e silenciadas pelos conteúdos tradicionais.

Nessa mesma direção Santomé (1995, p. 163) afirma:

Quando se analisam de maneira atenta os conteúdos que são desenvolvidos de forma explícita na maioria das instituições escolares e aquilo que é enfatizado nas propostas curriculares, chama fortemente a atenção à arrasadora presença das culturas que podemos chamar de hegemônicas. As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder continuam a ser silenciadas, quando não estereotipadas e deformadas, para anular suas possibilidades de reação.

Para Silva (1999) em sua obra sobre teorias do currículo, “*o currículo é sempre o resultado de uma seleção*”. Essa seleção, ou seja, “*o que*” vamos ensinar, passa pela decisão de “*por que*” vamos ensinar este e não aquele conteúdo.

Principalmente na rede pública de ensino, percebe-se grande autonomia docente na escolha desse currículo. Nota-se também que a maior parte dos professores guia-se, na seleção dos conteúdos, pela proposta apresentada pelo livro didático utilizado. No que se refere à História e Culturas Africanas, esses manuais escolares, apesar de já apresentarem essa discussão bem mais atualizada do que há décadas, ainda abordam o tema superficialmente e de forma bem localizada, se comparado aos conteúdos relacionados ao continente europeu.

Tradicionalmente, a África é apresentada aos estudantes como sendo um continente marcado por guerras, desnutrição, doenças e muita miséria. Nessa perspectiva, o imaginário criado pelos estudantes a respeito da África e de seus descendentes, automaticamente, associa-se ao negativismo, à barbárie e à pobreza cultural. Tal fato se mostra o inverso do que acontece com o imaginário construído em torno do continente europeu, enxergado como lugar de riqueza, de desenvolvimento

intelectual e econômico. Nesse sentido, apresenta-se como grande desafio romper com esses estereótipos no ambiente escolar.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira (2004, p. 14-16)

Para reeducar as relações étnico-raciais, no Brasil, é necessário fazer emergir as dores e medos que têm sido gerados. É preciso entender que o sucesso de uns tem o preço da marginalização e da desigualdade impostas a outros. E então decidir que sociedade queremos construir daqui para frente (p. 14)... A educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para construção de uma sociedade justa, igual, equânime (p. 14)... Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer a mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas. Diálogo com estudiosos que analisam, criticam estas realidades e fazem propostas, bem como com grupos do Movimento Negro (...) são imprescindíveis (p. 15)... Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. (p.16) (destaques meus)

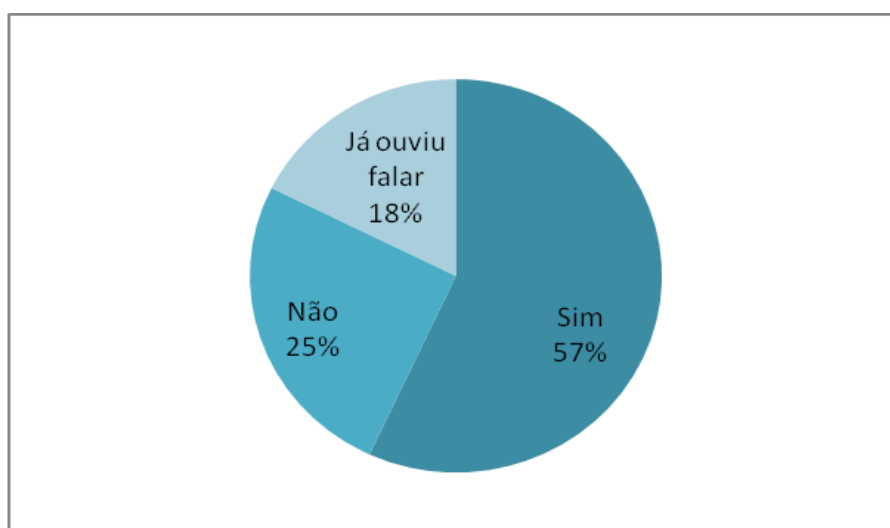
O desenvolvimento do referido projeto de intervenção pedagógica justifica-se, nessa perspectiva, como uma tentativa de descolonização do currículo tradicionalmente trabalhado na disciplina de História. Justifica-se também pela reeducação das relações étnico-raciais com os alunos do 8º ano, da escola Municipal Prefeito Sebastião Camargos, atendendo aos objetivos da Lei 10.639/03, em apresentar a História Africana e Afrodescendente como produto de sujeitos ativos que possuem muita riqueza cultural.

4 METODOLOGIA: da atividade diagnóstica à definição de atividades e seus objetivos

Desde o primeiro questionamento feito por mim, professora de História, e pela professora de Língua Portuguesa, em relação ao conhecimento que os estudantes da escola possuíam sobre a Comunidade dos Arturos, a resposta, para nossa surpresa, foi o silêncio, o estranhamento e a negação. Esse retorno nos inquietou muito, pois pensávamos que todos, ou pelo menos a grande maioria, conhecessem a Comunidade, haja vista o fato dos Arturos serem vizinhos do bairro onde a escola está inserida. Entretanto, a proximidade física (2 km) por si só não promoveu a integração entre a comunidade quilombola e a escola.

Frente a esse cenário, nossa primeira estratégia foi elaborar um questionário para identificar o conhecimento prévio e/ou o relacionamento que cada aluno possuía com a comunidade. As cinco perguntas respondidas, bem como as respostas objetivas (sim, não, já ouvi falar) foram tabuladas e as respostas discursivas mais recorrentes foram reproduzidas a seguir:

Pergunta n.º 1 – Você conhece a comunidade dos Arturos?



Pergunta n.º 2 – O que você imagina que seja a Comunidade dos Arturos? Ou, se já a conhece, explique o que sabe sobre a mesma.

Respostas recorrentes:

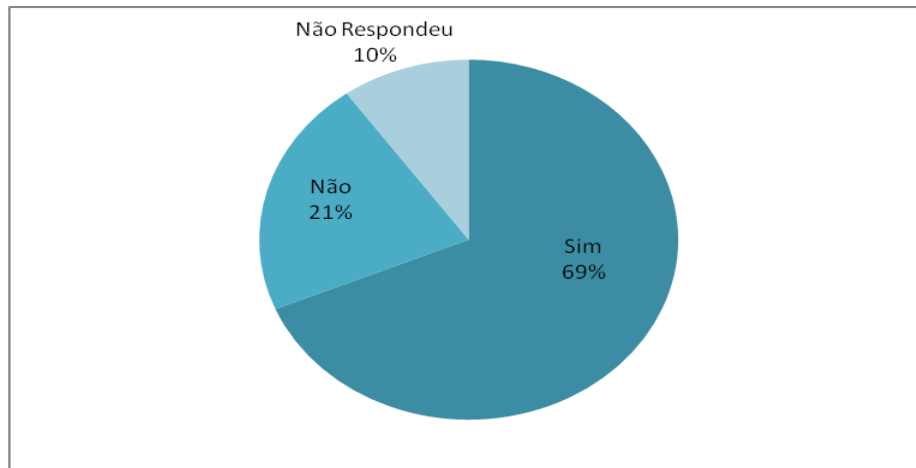
- “Uma comunidade normal como as outras”;
- “Não imagino”;
- “Seja boa”;
- “Onde mora muitas pessoas”;
- “São umas pessoas que fazem macumba”;
- “É uma comunidade de negros”;
- “Imagino que seja um bairro”;
- “Uma pessoa que tem o nome ou sobrenome de Arturos”;
- “Comunidade de negros que praticam o candomblé”;
- “Um lugar que mora muitas pessoas desabrigadas”;

Pergunta n.º 3 – Você imagina o porquê de viverem nessa comunidade?

- “São comunidades e eles são famílias”;
- “Existem pelo número de pessoas e famílias”;
- “Uma comunidade de negros que tem perto do Maria Coutinho”;
- “São famílias que moram nesse local”;
- “Deve ser um lugar muito tranquilo pra se viver”;
- “Lá é uma comunidade onde todos se identificam. Todos têm a mesma cor e o mesmo jeito”.
- “Uma comunidade onde todos se identificam”;
- “Para aprender culturas, estilos, modos para viver”.

- “Nem imagino”.

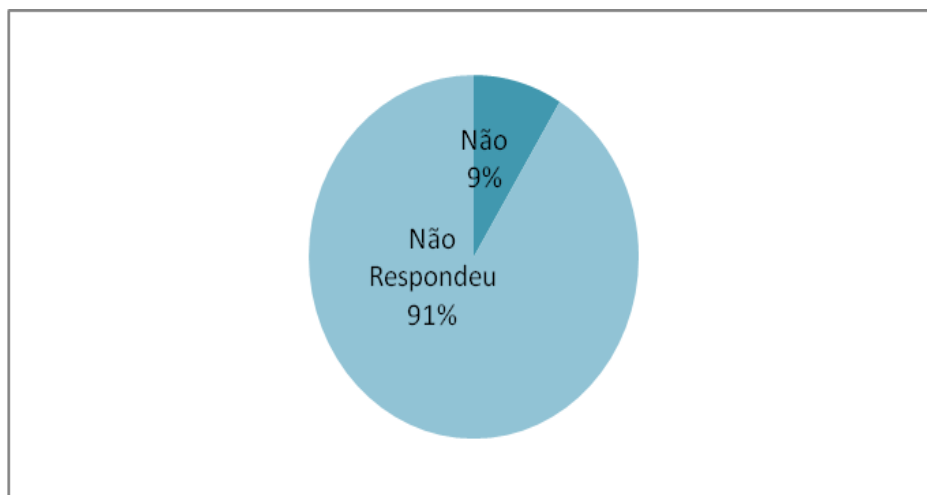
Pergunta n.º 4 – Você gostaria de fazer uma visita à Comunidade dos Arturos? Por quê?



Pergunta n.º 4.1- Por quê?

- “Para conhecer”.
- “Não há necessidade”.
- “Estou com saudades dos meus amigos de lá”.
- “Para mim saber o que é cultura”.
- “Porque ela é bastante falada”.
- “Eu acho esquisitas as pessoas de lá”.
- “Porque lá deve ser um lugar tranquilo”.
- “Não, já me sinto satisfeita de ouvir falar”.
- “Nunca parei pra pensar nessa possibilidade”.
- “Não tenho interesse algum”.
- “Seria bem importante saber sobre eles, a origem entre outras coisas”.
- “Não, porque já fui”.

Pergunta n.º 5 – Você sabe o que são quilombos?



A tabulação das respostas da aplicação do questionário nos possibilita fazer alguns apontamentos. A pergunta de número 1 objetivava investigar se os estudantes conheciam a Comunidade dos Arturos. Por ser uma Comunidade de grande visibilidade nacional e por estar tão próxima da escola, dos estudantes e de suas famílias, o fato de 57% - pouco mais da metade - conhecer a Comunidade e quase metade não conhecer ou apenas ter ouvido falar, dá-nos um primeiro sinal de distanciamento entre esses sujeitos.

Já as respostas para a pergunta de número 2 sobre como os estudantes definem a Comunidade dos Arturos evidenciam que nem todos os que já estiveram no espaço, ou já ouviram falar do mesmo, compreendem o significado deste. Ou seja, não está claro para todos o fato da Comunidade dos Arturos ser formada por descendentes de escravos de origem africana que preservam costumes e tradições de seu povo.

Os dados fornecidos para a pergunta de número 3 demonstram um profundo desconhecimento por parte dos estudantes a respeito do sentido e o significado deste grupo por seu viver coletivo e de sua importância histórica.

É preciso destacar também a resistência explícita de alguns estudantes em relação à Comunidade, a qual pode ser constatada por meio de algumas respostas para a pergunta de número 4 referente ao fato de se aproximar e conhecer a comunidade quilombola, deixando assim evidente que o racismo se manifesta tanto na sociedade quanto na escola.

Por fim, a tabulação das respostas para as perguntas de número 5 nos permite inferir que os estudantes não dominam a definição do conceito de quilombo e, portanto, não estabelecem nenhuma relação entre esse conceito e a Comunidade dos Arturos.

A fim de superar o racismo presente no ambiente escolar é indispensável que os currículos, os livros didáticos e os planejamentos pedagógicos reflitam, em sua plenitude, as contribuições dos diversos grupos étnicos para a formação da nação e das culturas brasileiras. Ignorar essas contribuições – ou não lhes dar o devido reconhecimento – é também uma forma de discriminação racial e reprodução do pensamento colonial.

Munanga (2005), apesar de reconhecer que a instituição escolar não é o único espaço para que a discussão a respeito do preconceito racial no Brasil seja feita, aponta sua posição de destaque:

Não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas. No entanto, cremos que a educação é capaz de oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos que foram introjetados neles pela cultura racista na qual foram socializados. Apesar da complexidade da luta contra o racismo, que conseqüentemente exige várias frentes de batalhas, não temos dúvida de que a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar importantíssima. Essa transformação fará de nós os verdadeiros educadores, capazes de contribuir no processo de construção da democracia brasileira, que não poderá ser plenamente cumprida enquanto perdurar a destruição das individualidades históricas e culturais das populações que formaram a matriz plural do povo e da sociedade brasileira. (MUNANGA, 2005 -p.17)

O presente projeto de intervenção pedagógica foi realizado com as duas turmas do 8º ano do turno da tarde, para aproximar os alunos da escola à comunidade quilombola e para trabalhar diversas temáticas relacionadas às discussões étnico-raciais.

Uma vez por semana, durante um horário de aula de História, os estudantes eram organizados em grupos menores (metade da turma – aproximadamente 12 alunos). A estratégia utilizada foi apresentar temas relacionados à História e Culturas dos Africanos e Afrodescendentes, a fim de que, ao final do projeto didático, houvesse uma visita à comunidade dos Arturos.

O projeto de intervenção pedagógica foi pensado para atingir três objetivos específicos. O primeiro deles para discutir o processo escravocrata ocorrido em nosso país do século XVI até o momento da abolição da escravidão (final do século XIX). Para tanto, foi apresentado aos estudantes, com a ajuda de mapas, as rotas que mais comumente foram utilizadas para o tráfico de africanos para o Brasil, enfocando quais países africanos se formaram nessas localidades, assim como quais foram os estados brasileiros que receberam esses sujeitos escravizados. Foi abordado também acerca dos

elementos culturais que os negros escravizados trouxeram para a formação da identidade nacional, assim como o processo de abolição da escravatura.

Intencionalmente, não abordamos apenas as muitas torturas e violências sofridas por essa parcela da população nesse contexto histórico, mas, optamos por focar também as muitas estratégias de resistências dos escravizados, entre elas a formação dos quilombos, destacando a existência de um dos mais conhecidos do país, o quilombo dos Palmares e a atuação de seu líder Zumbi.

O segundo objetivo do projeto visava analisar com os estudantes a situação do negro no Brasil no período pós-abolição até os dias atuais e seus desafios. Foi discutido que após a assinatura da Lei Áurea a situação dos negros não sofreu grande alteração de imediato. Foi enfatizado o fato de que eles não se integraram à sociedade por não terem recebido oportunidades para isso, haja vista, o grande preconceito da época que ainda existe nos dias atuais, apesar de sua insistente negação. Conceitos como raça, etnia, etnocentrismo, racismo, preconceito racial e discriminação racial ganharam destaque em nossas aulas. Uma síntese dessa discussão apresenta-se a seguir, com base no texto de GOMES (2005).

Quanto ao conceito de raça foi discutido que as mesmas são, na realidade, construções sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. Não significam, de forma alguma, um dado da natureza. É no contexto da cultura que nós aprendemos a enxergar as raças. A consequência disso é a hierarquização e a naturalização das diferenças, bem como a transformação destas em desigualdades supostamente naturais.

No campo intelectual, muitos profissionais preferem usar o termo etnia para se referir aos negros e negras, entre outros grupos sociais, discordando do uso do termo raça. Ao usarem o termo etnia, esses intelectuais o fazem por acharem que, se falarmos em raça, ficamos presos ao determinismo biológico, à ideia de que a humanidade se divide em raças superiores e inferiores, ideia esta já abolida pela biologia e pela genética. Os que partilham dessa visão entendem *etnia* como um grupo social cuja identidade se define pela comunidade de língua, cultura, tradições, monumentos históricos e territórios (BOBBIO, 2004: 449).

Outro conceito trabalhado foi o de etnocentrismo, um termo que designa o sentimento de superioridade que uma cultura tem em relação a outras. O etnocêntrico acredita que os seus valores e a sua cultura são os melhores, os mais corretos e isso lhe é suficiente. Ele não alimenta necessariamente o desejo de aniquilar e destruir o outro,

mas, sim, de evitá-lo ou até mesmo de transformá-lo ou convertê-lo.

Durante as aulas do projeto de intervenção pedagógica, também foi feito o investimento de diferenciar o que vem a ser preconceito, racismo e discriminação com os estudantes.

O preconceito é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro. O preconceito como atitude não é inato. Ele é aprendido socialmente.

Já o racismo, segundo Hélio Santos (2001, p. 85), parte do pressuposto da “superioridade de um grupo racial sobre outro”, assim como da “crença de que determinado grupo possui defeitos de ordem moral e intelectual que lhe são próprios”. O racismo em nossa sociedade se dá de um modo muito especial: ele se afirma através da sua própria negação. A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial, no entanto as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país.

O abismo racial entre negros e brancos no Brasil existe de fato. As pesquisas científicas e as recentes estatísticas oficiais do Estado brasileiro que comparam as condições de vida, emprego, saúde, escolaridade, entre outros índices de desenvolvimento humano, vividos por negros e brancos, comprovam a existência de uma grande desigualdade racial em nosso país. Essa desigualdade é fruto da estrutura racista, somada à exclusão social e à desigualdade socioeconômica que atingem grande parte da população brasileira e, de um modo particular, o povo negro.

A palavra discriminar significa “distinguir”, “diferençar”, “discernir”. A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam. Dados estatísticos comprovam que em nosso país existem desigualdades raciais na educação, no mercado de trabalho e na saúde da população negra, revelando que a discriminação racial existe de fato.

Por fim, o terceiro e último momento da intervenção pedagógica teve como

enfoque as comunidades quilombolas existentes na atualidade, em especial a Comunidade dos Arturos, objetivando que os alunos compreendessem os processos geográficos e históricos na formação dos quilombos no Brasil e percebessem a importância da preservação cultural desses territórios étnicos como símbolo de resistência. Nesta ocasião, os estudantes atuaram mais como protagonistas do processo educativo, na medida em que realizaram diversas pesquisas, através das quais identificaram as comunidades quilombolas que existem em Minas Gerais, investigaram também acerca da história de fundação da Comunidade dos Arturos e, por fim, elaboraram questões com dúvidas e curiosidades que gostariam de ter esclarecidas durante a visita agendada para o mês de novembro. As questões mais presentes e por repetidas vezes elaboradas pelos estudantes diziam respeito à rotina dos membros da comunidade: onde trabalham, onde as crianças estudam, quais religiões praticam, como são as festas locais e quais dificuldades enfrentadas no cotidiano.

Diversos recursos pedagógicos foram utilizados durante o desenvolvimento do projeto, como análise de reportagens, filmes, documentários, dados do IBGE, dinâmicas e pesquisas em revistas e na internet.

5 ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

O desenvolvimento do projeto de intervenção pedagógica, apesar de ter sido uma experiência com ações relativamente simples, pode ser entendido como um avanço no que diz respeito à reeducação das relações étnico raciais, na instituição escolar em que se realizou a pesquisa.

Antes de seu desenvolvimento, o corpo docente da escola se voltava apenas para comemorações de datas como o dia da “Consciência Negra” ou “13 de Maio”, não refletindo sobre o real significado dessas datas, perdendo-se, assim, a oportunidade de instigar os alunos sobre o tema. Nesse sentido, aproximar os estudantes à Comunidade dos Arturos cumpriu de fato os objetivos da Lei 10.639, na medida que valorizou uma das diversas culturas que formam a sociedade brasileira.

Se em um primeiro momento verificava-se a resistência por parte dos estudantes em discutir e até mesmo conhecer os espaços relacionados às histórias e culturas africanas e afro-brasileiras, ao longo do trabalho esse cenário se transformou. Na medida em que as temáticas iam sendo trabalhadas, os alunos se mostravam participativos, principalmente em discussões que diziam respeito à situação da população negra no Brasil, nos dias de hoje. Por isso, é possível afirmar que os objetivos do projeto foram alcançados.

Também foi muito significativo o fato de um dos estudantes ter revelado a seus colegas, em uma das aulas de intervenção pedagógica, o fato de ser bisneto de Artur Camilo Silvério, fundador da comunidade quilombola dos Arturos. Era nítido o orgulho sentido pelo aluno ao relatar a história de sua família e perceber que esse assunto era valorizado pela professora e seus colegas.

Ajudar o estudante discriminado para que ele possa assumir com orgulho e dignidade os atributos de sua diferença, sobretudo quando esta foi negativamente introyetada em detrimento de sua própria natureza humana, é extremamente gratificante. Avalio que a instituição escolar deve estar mais sensível a conhecer esses laços existentes entre os alunos e a Comunidade dos Arturos, a fim de realçar a aproximação e criar mais sentido para se estudar essa temática.

Destaco como ponto alto do desenvolvimento do projeto de intervenção pedagógica a preparação e a própria visita à comunidade dos Arturos, ocorrida entre os meses de outubro e novembro de 2015. Antes de irmos ao local, os estudantes

pesquisaram sobre a história de fundação do grupo e familiarizaram-se com as práticas culturais e os modos de viver dos sujeitos em questão. Elaboraram também perguntas que gostariam de fazer no momento da visita. Por fim, depois de uma série de dificuldades para liberação, por parte da prefeitura de Contagem, de um ônibus que levasse os estudantes até a comunidade, a visita foi realizada.

Fomos recepcionados pela senhora Margarida, uma moradora da comunidade, casada com um dos netos de Artur Camilo Silvério, que nos apresentou a igreja construída pelos Arturos (conforme imagens 1 e 2 em anexo) e nos explicou sobre a história de fundação do grupo e de que forma vivem na atualidade.

Os alunos estiveram atentos durante a explicação, como bem retrata a imagem 1, e compreenderam que a comunidade quilombola compõe um grupo familiar que reside em propriedade coletiva, no município de Contagem e que possui um grupo folclórico-cultural que divulga as tradições herdadas dos ancestrais por meio de músicas e danças religiosas de origem africana.

A comunidade vem realizando diversas festas, há mais de 100 anos, com sua cultura expressiva e forte religiosidade. A primeira festividade do ano é a folia-de-reis, no dia 6 de janeiro. A festa da abolição, realizada desde 1972, no dia 13 de maio, é outra das manifestações culturais da comunidade. Em outubro, acontecem as festas do congado, em homenagem a Nossa Senhora do Rosário e, em dezembro, a do João do Mato. Há também o candomblé e o batuque nas festas de casamentos, aniversários e batizados, além do grupo de percussão e dança afro Arturos Filhos de Zambi, formado por jovens da comunidade. Foi enfatizado que quem decide tudo dentro da comunidade são os mais velhos. Assim manda a tradição. O respeito aos idosos é um valor fundamental na cultura do grupo.

Após essa explanação, os alunos realizaram as perguntas elaboradas previamente. Em seguida, fizeram uma visita guiada pela comunidade dos Arturos para conhecer as casas e os espaços de rituais do local, conforme imagem 3 anexa. Finalizamos este momento com um lanche, conforme retratado na imagem 4, também anexa.

Acreditamos que o desenvolvimento do projeto de intervenção pedagógica tenha sido o primeiro passo para que a reeducação para as relações étnico-raciais aconteça na Escola Prefeito Sebastião Camargos. Almejamos que esta experiência didática funcione como pontapé inicial para o desenvolvimento de mais ações na direção da implementação da Lei 10639/03, estando previstas no Projeto Político-Pedagógico –

PPP - da instituição escolar, uma vez que este documento reúne propostas de ação concreta a serem executadas durante determinado período de tempo. Além disso, o PPP indica a direção a seguir não apenas para gestores e professores, mas também funcionários, alunos e famílias. Nesse sentido, é imprescindível que toda a comunidade escolar esteja envolvida no processo de elaboração de práticas pedagógicas de enfrentamento ao racismo e às desigualdades raciais, afinal de contas, o preconceito nasce da ignorância. Como diria Nelson Mandela: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.

Quando discutimos publicamente o racismo não estamos acirrando o conflito entre os diferentes grupos étnico/raciais. Na realidade, é o silenciamento sobre essa questão que mais reforça a existência do racismo, da discriminação e da desigualdade racial.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que o esforço empreendido ao longo deste projeto de aproximar os estudantes do 8º ano da Escola Municipal Prefeito Sebastião Camargos da Comunidade dos Arturos, a fim de que esses compreendessem, reconhecessem e valorizassem as culturas e tradições do povo quilombola, foram alcançados. Apesar disso, consideramos a existência de alguns limites a serem melhorados em novas atividades.

É de fundamental importância a participação de todo o corpo docente em sua execução, além da realização de parcerias com outras instituições, como movimentos sociais, secretaria e outros, para um melhor desenvolvimento da intervenção.

Apesar de sabermos que nossos instrumentos de trabalho na escola e na sala de aula, isto é, os livros e outros materiais didáticos visuais e audiovisuais, carregam os mesmos conteúdos viciados, depreciativos e preconceituosos em relação aos povos e culturas não oriundos do mundo ocidental, nossa ação como educadores e educadoras, do Ensino Fundamental à Universidade, é de extrema importância para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, que repudie qualquer tipo de discriminação.

Portanto, um longo caminho ainda precisa ser percorrido para que a escola seja, de fato, um instrumento de afirmação de uma identidade pluricultural. Apresenta-se urgente caminhar na direção da descolonização dos currículos escolares, para que preconceitos e estereótipos sejam destruídos e para que as diferenças étnicas e culturais não se constituam em motivo de discriminação social.

7 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnicoraciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana.** Brasília/DF: SECAD/MEC, 2004.

_____. **Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003** que altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília, 2003.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicolas; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política.** 12. ed. Brasília: UNB, 2004.

FEDERAÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE MINAS GERAIS. Disponível em: <http://quilombolasmg.org.br/index.php/arturos>. Acesso: 10.01.2016

GOMES, Nilma Lino. **Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate sobre Relações Raciais no Brasil: Uma breve discussão.** In: Educação Anti-racista: Caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília, 2005, p.39 – 62.

GOMES, Nilma Lino (Org). **Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnicoraciais na escola na perspectiva da Lei 10.639/2003.** Brasília: MEC, UNESCO, 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos.** Currículo sem fronteiras, v.12, n.1. pp. 98-109, jan/abr 2012. Disponível: <http://www.curriculosemfronteiras.org/articles.htm>; acesso: 20/06/2012.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Negras raízes mineiras: os Arturos.** Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1988.

MUNANGA, Kabengele. (Org.) **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília – DF. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **As culturas negadas e silenciadas no currículo**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 159-189.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro, ou, As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990 90p.

8 ANEXOS

Imagem 1 – Palestra de apresentação da Comunidade dos Arturos



Arquivo da autora

Imagem 2 Divindades presentes na capela da comunidade dos Arturos



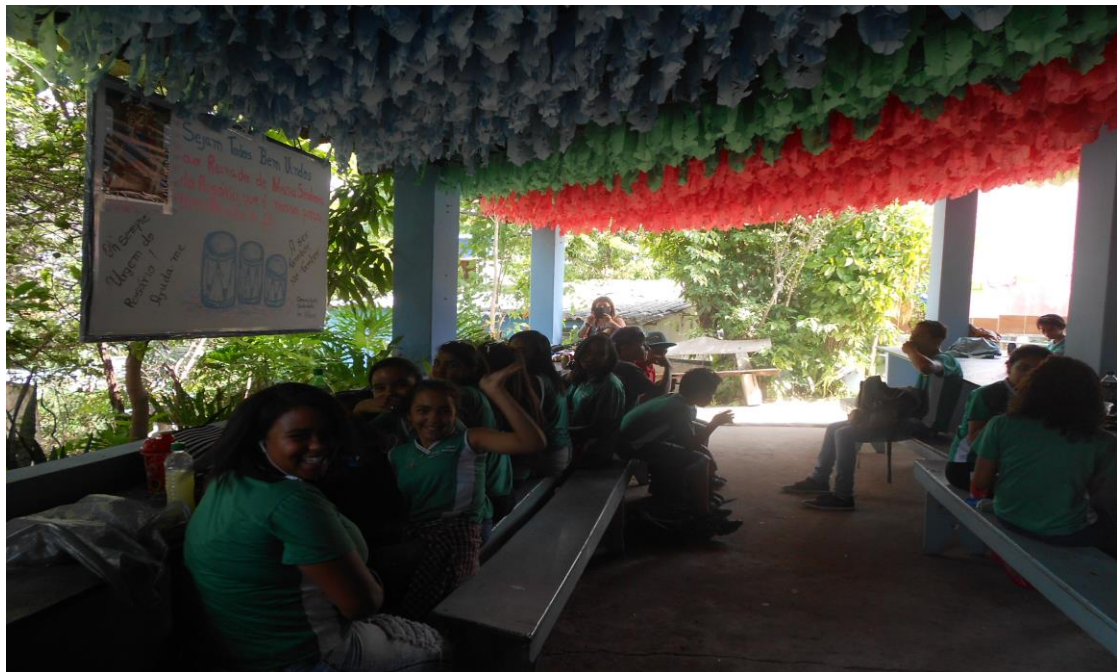
Arquivo da autora

Imagem 3 Alunos caminhando pela Comunidade dos Arturos



Arquivo da autora

Imagem 4 Lanche coletivo dos estudantes na comunidade dos Arturos



Arquivo da autora